



JAMES MILLS (E), DOS ESTADOS UNIDOS, ACOMPANHADO DE LUIZ ELOY, DO ADOLFO LUTZ: VISITA A ÁREAS RURAIS

DF.

Saúde

Fim do surto de hantavirose

GUILHERME GOULART

DA EQUIPE DO CORREIO

O surto da hantavirose no Distrito Federal não deve mais preocupear os brasilienses este ano. A conclusão é de representantes do Ministério da Saúde e do Instituto Adolfo Lutz (IAL), de São Paulo, em visita a Brasília, onde participam de seminário sobre epidemiologia. Os especialistas acreditam que a doença só volte a se manifestar a partir de março do próximo ano, quando se reinicia o ciclo da seca no cerrado.

Um grupo de autoridades em saúde de cinco estados, todos participantes do encontro, aproveitou o dia de ontem para conhecer três cidades atingidas por focos de hantavírus. Liderada por representantes da Secretaria de Saúde do DF, a visita contou com a presença do biólogo norte-americano James Mills, um dos maiores especialistas em epidemiologia do mundo. A estrela da comitiva enfrentou sol e chuva para analisar casas de vítimas durante cerca de dez horas.

A visita começou às 8h30 por São Sebastião, cidade com o maior número de registros da

doença. Foram cinco mortes, uma delas do agricultor Francisco Gomes da Silva, 24 anos. Na casa em que ele morava com a família, os técnicos se surpreenderam com a quantidade de branqueiras no terreno do assentamento Nova Vitória, a poucos quilômetros da zona urbana. "As gramíneas africanas se adaptaram ao cerrado e aos roedores, que mudaram seus hábitos alimentares. Na seca, eles se aproximam das casas para comê-las", explicou Luiz Eloy Pereira, pesquisador científico do IAL.

A mesma freqüência de branqueiras ocorre em mais duas áreas de São Sebastião, em zona rural de Ceilândia e no Recanto das Emas. Para James Mills, o tipo de vegetação não é o único fator responsável pelo surto de hantavirose no DF. "Percebi que a maioria dos casos são de áreas rurais e muito pobres. É o que tenho visto em outros países, até mesmo no Estados Unidos", comentou o especialista do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC, em inglês) da Georgia.

A diretora da Vigilância Ambiental, Miriam dos Anjos Santos, que também participou do en-

contro de ontem, disse que a troca de experiência dos técnicos servirá para elaborar estudo ambiental sobre os hábitos dos roedores silvestres. A previsão é de que o levantamento dure até um ano. Os dados serão usados em ações preventivas antes dos considerados períodos críticos.

O responsável pela área técnica de hantavirose da Secretaria de Vigilância em Saúde do governo federal, Mauro de Rosa Elkoury, comentou que o ciclo do hantavírus na região central do país se instala entre março e setembro. "As chuvas aumentam a oferta de alimentos no cerrado, o que mantém os roedores afastados." A partir daí, casos da doença ocorrem com mais freqüência no sul do Brasil.

O secretário de Saúde do DF, Arnaldo Bernardino afirmou que ainda há cerca de 50 amostras de pacientes de hantavirose à espera de análise no IAL. "Não ficarei surpreso se os exames apontarem de oito a dez casos positivos. Vale lembrar que são contaminações anteriores a setembro, portanto dentro do surto."

COLABOROU MARIA FERRI